

APRESENTAÇÃO

Com o presente número, *Debates do NER* retoma agora sua circulação periódica, após um ano de interrupção. Atualmente, tanto o Brasil quanto o mundo têm vivenciado momentos de violência e conflito, seja em torno da violência urbana nas grandes cidades brasileiras, seja na recente guerra no Iraque, remetendo-nos novamente à questão do mal e de seus efeitos nefastos para a humanidade.

Bem ou mal, estamos todos engajados na lógica de escalada da violência que se propaga e aumenta o mal-estar social, levando-nos a refletir cada vez mais sobre as múltiplas formas do mal. Julgamos necessário, portanto, retomar a temática do mal, com o intuito de revisitar “O mal à brasileira”¹, ampliando o debate para outros horizontes, com novos enfoques e diferentes propostas de interpretações.

Abrimos o debate com o artigo de Patrícia Birman que reflete sobre a questão do mal do ponto de vista “êmico”, ao destacar o “mal maior”, como sendo o da violência que atinge as cidades e seus habitantes. Baseada em sua própria experiência, enquanto moradora da cidade do Rio de Janeiro, a autora analisa os diversos modos de lidar com a violência urbana, considerada um “mal interno” à própria sociedade dos pesquisadores, bem como cita trabalhos que vem sendo desenvolvidos por cientistas sociais a este respeito.

Em seguida, foram agrupados os artigos de Ricardo Mariano e Airton Luiz Jungblut que tratam da representação do mal e das formas de atuação das chamadas “forças maléficas”, no contexto do neopentecostalismo. Mariano analisa as concepções de bem e mal colocando em evidência o papel do diabo como protagonista de uma guerra espiritual, enquanto Jungblut ressalta as nuances do sentido do conceito de “libertação” na luta travada contra as forças satânicas.

Na ótica do catolicismo, o embate entre anjos e demônios é o tema do artigo de Carlos Steil e Daniel Alves, que descreve e analisa o momento de

¹ Em referência à publicação que reúne o conjunto de textos organizado por Patrícia Birman, Regina Novaes e Samira Crespo, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.

uma manifestação sensível da figura do demônio juntamente com a de Nossa Senhora, na cidade de Taquari, no Rio Grande do Sul. Ao considerar a manifestação da divindade como um fenômeno ritual, os autores optam por tratar a aparição como um drama social na perspectiva do antropólogo Victor Turner, caracterizando o evento como um momento de *communitas*.

Ao levar em conta o mal em sua dimensão social, espiritual e/ou religiosa, Sônia Weidner Maluf discute as noções de crise e de sofrimento como valores no universo cultural das terapias alternativas em grupos da Nova Era. Através de um estudo realizado em Porto Alegre, a autora mostra como a doença ou o “mal aparente” é, segundo ela, vista como a manifestação de um “mal espiritual” de fundo, inscrevendo sobre o corpo problemas de ordem subjetiva, relacionados à personalidade e à visão de mundo do indivíduo.

Adriane Luisa Rodolpho reflete sobre duas formas de representação do mal no contexto religioso: de um lado o que seria considerado o “*mal à la française*” - a questão das seitas na sociedade francesa contemporânea - e, de outro, as percepções do mal e do perigo na perspectiva do grupo religioso Eckankar, classificado oficialmente como uma seita. Baseada em sua recente pesquisa etnográfica na França, a autora aponta para o cruzamento de olhares no que diz respeito às representações sobre o mal e o perigo, bem como demonstra seu caráter de complementaridade.

Enfim, Bernardo Lewgoy, atual coordenador do NER, discute o “mal à moda espírita” ao analisar as estruturas narrativas da desobsessão no sistema religioso espírita, a partir da tradição formalista de estudos sobre a narrativa. De acordo com o autor, a sessão de desobsessão é o momento não apenas de contato verbal com espíritos, mas também de atualização de uma tradição narrativa e dramática. O autor afirma que tais relatos e diálogos entre médiuns e espíritos contribuem para a criação de uma literatura doutrinária ficcional, onde se encontram presentes a concepção de indivíduo e sua visão de mundo no espiritismo kardecista.

Marilda Batista
PPGAS, UFRGS, CNPq.